

Lisboa, 14/2/40

Ex.mo Sr.
Director de "SOL NASCENTE"

Tomo a liberdade de enviar a V.Ex.^a as breves considerações que me sugeriu o artigo do Sr. André Valmar, sob o título: "As reparigas nas Universidades Portuguesas", publicado em "SOL NASCENTE".

Sou assinante do vosso jornal e peço o favor de dar à minha carta o destino que aprouver a V.Ex.^a

Com consideração sou

De V.Ex.^a

At.ta Ven.ra e Mt.to Ogb.da

Etelvina Lopes de Almeida

Etelvina Lopes de Almeida
MONTE DE CAPARICA

[p.1]
Lisboa, 14/2/40

Ex.mo Sr.
Director de "SOL NASCENTE"

Tomo a liberdade de enviar a V.Ex.^a as breves considerações que me sugeriu o artigo do Sr. André Valmar, sob o título: "As reparigas nas Universidades Portuguesas", publicado em "SOL NASCENTE".

Sou assinante do vosso jornal e peço o favor de dar à minha carta o destino que aprouver a V.Ex.^a

Com considerações sou
De V.Ex.^a
At.ta Ven.ra e Mt.to Ogb.da
Etelvina Lopes de Almeida

Etelvina Lopes de Almeida
MONTE DE CAPARICA

Ex.mo Sr.
André Valmar:

É assunto por demais tratado em jornais, revistas, órgãos de cultura e crítica, etc., este problema: a Mulher. Quando os acontecimentos políticos não dão ~~xxxxx~~ motivo para um artigo de fundo, vá de escrever sobre a Mulher. Uns, porque ela deve viver para o lar, para os filhos, para o marido, limitando a sua acção à bondade repartida pela família. "Alma de sacrifício", "Espírito de abnegação" - são expressões fáceis de encontrar em tal género de articulistas. Outros: que a mulher deve ingressar nos mesmos campos de acção masculinos; que a sua subtilidade e inteligência podem, melhor que o homem, resolver certos problemas; que, desempenhando embora a sua missão de esposa e mãe, pode ainda ingressar nas mesmas lutas de carácter social e político que apaixonam o homem.

Para nós, mulheres que lemos tais artigos que acompanhamos com entusiasmo tudo que se diz e escreve sobre tal assunto, é sempre uma consolação porque nos sabemos lembradas.

-O último número de "O DIABO" publicou um artigo sobre a mulher. E nós procuramos o último número de "O DIABO".

- "O SOL NASCENTE" tratou o problema de "AS RAPARIGAS NAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS".

Mas que disseram de novo? Que remediaram?

É sempre uma decepção. Feriu-se a mesma tecla. Pisou-se a mesma ideia. Repetiram-se frases:

-É preciso que a mulher compreenda...

-É preciso que a mulher saiba...

-É preciso que a mulher veja...

No último número de "O SOL NASCENTE" li o artigo a que me referi há pouco. É preciso de facto, Sr. André Valmar, que a mulher enverede por caminhos mais desassombrados. Mas, (por quem é!) não nos indique os nossos rapazes de hoje como dignos guias para desbravar terreno. Quantos conhece V. rapazes da missão que lhes destinou no seu artigo? Quantos deles conhecem os nomes de Madame Curie, Yolanda Földes, Helen Grace Carlisle, etc? Quantos teriam visto o film: "TERRA BENDITA" sem saberem que êle foi realizado sobre uma das obras de Pearl Buck?

Depois, os trabalhos de Jorge Amado, Tschekoff, Zola, etc (para usar nomes citados) não falam de competições desportivas, não lhes dão emblemas que ostentem galhardamente na lapela... São coisas por demais sérias para serem discutidas à esquina do Chiado onde se pensa unicamente no galanteio

[p.2]

Ex.mo Sr.
André Valmar:

É assunto por demais tratado em jornais, revistas, órgãos de cultura e crítica, etc., este problema: a Mulher. Quando os acontecimentos políticos não dão motivo para um artigo de fundo, vá de escrever sobre a Mulher. Uns, porque ela deve viver para o lar, para os filhos, para o marido, limitando a sua acção à bondade repartida pela família. "Alma de sacrifício", "Espírito de abnegação" - são expressões fáceis de encontrar em tal género de articulistas. Outros: que a mulher deve ingressar nos mesmos campos de acção masculinos; que a sua subtilidade e inteligência podem, melhor que o homem, resolver certos problemas; que, desempenhando embora a sua missão de esposa e mãe, pode ainda ingressar nas mesmas lutas de carácter social e político que apaixonam o homem.

Para nós, mulheres que lemos tais artigos que acompanhamos com entusiasmo tudo que se diz e escreve sobre tal assunto, é sempre uma consolação porque nos sabemos lembradas.

- O último número de "O DIABO" publicou um artigo sobre a mulher. E nós procuramos o último número de "O DIABO".

- "O SOL NASCENTE" tratou o problema de "AS RAPARIGAS

Ex.mo Sr.
André Valmar:

É assunto por demais tratado em jornais, revistas, órgãos de cultura e crítica, etc., este problema: a Mulher. Quando os acontecimentos políticos não dão ~~xxxxx~~ motivo para um artigo de fundo, vá de escrever sobre a Mulher. Uns, porque ela deve viver para o lar, para os filhos, para o marido, limitando a sua acção à bondade repartida pela família. "Alma de sacrifício", "Espírito de abnegação" - são expressões fáceis de encontrar em tal género de articulistas. Outros: que a mulher deve ingressar nos mesmos campos de acção masculinos; que a sua subtilidade e inteligência podem, melhor que o homem, resolver certos problemas; que, desempenhando embora a sua missão de esposa e mãe, pode ainda ingressar nas mesmas lutas de carácter social e político que apaixonam o homem.

Para nós, mulheres que lemos tais artigos que ~~acompanhamos~~ acompanhamos com entusiasmo tudo que se diz e escreve sobre tal assunto, é sempre uma consolação porque nos sabemos lembradas.

-O último número de "O DIABO" publicou um artigo sobre a mulher. E nós procuramos o último número de "O DIABO".

- "O SOL NASCENTE" tratou o problema de "AS RAPARIGAS NAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS".

Mas que disseram de novo? Que remediaram?

É sempre uma decepção. Feriu-se a mesma tecla. Pisou-se a mesma ideia. Repetiram-se frases:

- É preciso que a mulher compreenda...

- É preciso que a mulher saiba...

- É preciso que a mulher veja...

No último número de "O SOL NASCENTE" li o artigo a que me referi há pouco. É preciso de facto, Sr. André Valmar, que a mulher enverede por caminhos mais desassombrados. Mas, (por quem é!) não nos indique os nossos rapazes de hoje como dignos guias para desbravar terreno. Quantos conhece V. capazes da missão que lhes destinou no seu artigo? Quantos deles conhecem os nomes de Madame Curie, Yolanda Földes, Hellen Grace Carlisle, etc? Quantos teriam visto o film; "TERRA BENDITA" sem saberem que êle foi realizado sobre uma das obras de Pearl Buck?

Depois, os trabalhos de Jorge Amado, Tscheckoff, Zola, etc (para usar nomes citados) não falam de competições desportivas, não lhes dão emblemas que ostentem galhardamente na lapela... São coisas por demais sérias para serem discutidas à esquina do Chiado onde se pensa unicamente no galanteio

[cont. p.2]

NAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS".

Mas que disseram de novo? Que remediaram?

É sempre uma decepção. Feriu-se a mesma tecla. Pisou-se a mesma ideia. Repetiram-se as frases:

- É preciso que a mulher compreenda...

- É preciso que a mulher saiba...

- É preciso que a mulher veja...

No último número de "O SOL NASCENTE" li o artigo a que me referi há pouco. É preciso de facto, Sr. André Valmar, que a mulher enverede por caminhos mais desassombrados. Mas, (por quem é!) não nos indique os nossos rapazes de hoje como dignos guias para desbravar terreno. Quantos conhece V. capazes da missão que lhes destinou no seu artigo? Quantos deles conhecem os nomes de Madame Curie, Yolanda Földes, Hellen Grace Carlisle, etc? Quantos teriam visto o film; "TERRA BENDITA" sem saberem que êle foi realizado sobre uma das obras de Pearl Buck?

Depois, os trabalhos de Jorge Amado, Tscheckoff, Zola, etc (para usar nomes citados) não falam de competições desportivas, não lhes dão emblemas que ostentem galhardamente na lapela... São coisas por demais sérias para serem discutidas à esquina do Chiado onde se pensa unicamente no galanteio

que se vai dirigir à rapariga que passa. Quantos são os rapazes conscientes da hora que passa, do dia que virá, capazes de estimularem em nós o gosto pelas exposições de arte, pelos concertos musicais e pelas conferências de carácter educativo a que a maioria não assiste?

Como estabelecer êsse equilíbrio de relações entre raparigas e rapazes, baseado na confiança mútua e amizade se eles se não mostram à altura dessa mesma amizade, dessa mesma confiança?

Como abordar problemas sérios com parceiros que só conversam flirtando?

Como firmar camaradagem se ao nosso pensamento são de "companhia" responde neles o de "conquista"?

Êle não nos encara como um cérebro igual ao seu, propenso à cultura que se desprende de livros, conversas, polémicas... Êle vê simplesmente o "outro sexo", o seu prazer, o seu gozo. Como podemos nós proceder como as raparigas dos países nórdicos, da América, da Inglaterra, se não temos a nosso lado companheiros que nos respeitem e considerem?

Creia, Sr. André Valmar, a rapariga portuguesa está a abrir os olhos por si. Já sai de casa procurando estudos, trabalho, meio de se bastar a si mesma. Criou (não digo tôdas) a consciência duma independência económica que resolve certos problemas de ordem doméstica que a deprimiam e amesquinhavam.

Concordo em que será uma minoria a proceder de tal modo. Mas do lado masculino as excepções ainda são mais raras. É preciso que a mulher se liberte mas que o homem saiba compreender tal liberdade.

É preciso que a mulher fuja a caducos preconceitos mas que o homem saiba condicionar a sua acção dentro dos novos moldes da vida.

É preciso que ela seja amiga e camarada mas que êle a respeite e cesse o ataque que presentemente lhe faz.

É preciso soprar os castelos de cartas que literaturas recentes ergueram no cérebro das raparigas, é certo. Mas ouça V. uma conversa de rapazes desprevenidos e constate a inutilidade do assunto. Desde uma falsa interpretação do desporto, de que só lhes interessam os nomes vencedores, até à maneira de olhar uma mulher despindo-a, tudo é fútil e ôco e desolador.

Eis, Sr. André Valmar, as considerações que o seu artigo me sugeriu.

[p.3]

que se vai dirigir à rapariga que passa. Quantos são os rapazes conscientes da hora que passa, do dia que virá, capazes de estimularem em nós o gosto pelas exposições de arte, pelos concertos musicais e pelas conferências de carácter educativo a que a maioria não assiste?

Como estabelecer êsse equilíbrio de relações entre raparigas e rapazes, baseado na confiança mútua e amizade se eles se não mostram à altura dessa mesma amizade, dessa mesma confiança?

Como abordar problemas sérios com parceiros que só conversam flirtando?

Como firmar camaradagem se ao nosso pensamento são de "companhia" responde neles o de "conquista"?

Êle não nos encara como um cérebro igual ao seu, propenso à cultura que se desprende dos livros, conversas, polémicas... Êle vê simplesmente o "outro sexo", o seu prazer, o seu gozo. Como podemos nós proceder como as raparigas dos países nórdicos, da América, da Inglaterra, se não temos a nosso lado companheiros que nos respeitem e considerem?

Creia, Sr. André Valmar, a rapariga portuguesa está a abrir os olhos por si. Já sai de casa procurando estudos, trabalho, meio de se bastar a si mesma. Criou (não digo tôdas) a consciência duma independência económica que resolve certos problemas de

que se vai dirigir à rapariga que passa. Quantos são os rapazes conscientes da hora que passa, do dia que virá, capazes de estimularem em nós o gosto pelas exposições de arte, pelos concertos musicais e pelas conferências de carácter educativo a que a maioria não assiste?

Como estabelecer esse equilíbrio de relações entre raparigas e rapazes, baseado na confiança mútua e amizade se eles se não mostram à altura dessa mesma amizade, dessa mesma confiança?

Como abordar problemas sérios com parceiros que só conversam flirmando?

Como firmar camaradagem se ao nosso pensamento são de "companhia" responde neles o de "conquista"?

Ele não nos encara como um cérebro igual ao seu, propenso à cultura que se desprende de livros, conversas, polémicas... Ele vê simplesmente o "outro sexo", o seu prazer, o seu gozo. Como podemos nós proceder como as raparigas dos países nórdicos, da América, da Inglaterra, se não temos a nosso lado companheiros que nos respeitem e considerem?

Creia, Sr. André Valmar, a rapariga portuguesa está a abrir os olhos por si. Já sai de casa procurando estudos, trabalho, meio de se bastar a si mesma. Criou (não digo tôdas) a consciência duma independência económica que resolve certos problemas de ordem doméstica que a deprimiam e amesquinavam.

Concordo em que será uma minoria a proceder de tal modo. Mas do lado masculino as excepções ainda são mais raras. É preciso que a mulher se liberte mas que o homem saiba compreender tal liberdade.

É preciso que a mulher fuja a caducos preconceitos mas que o homem saiba condicionar a sua acção dentro dos novos moldes da vida.

É preciso que ela seja amiga e camarada mas que êle a respeite e cesse o ataque que presentemente lhe faz.

É preciso soprar os castelos de cartas que literaturas recentes ergueram no cérebro das raparigas, é certo. Mas ouça V. uma conversa de rapazes desprevenidos e constate a inutilidade do assunto. Desde uma falsa interpretação do desporto, de que só lhes interessam os nomes vencedores, até à maneira de olhar uma mulher despindo-a, tudo é fútil e ôco e desolador.

Eis, Sr. André Valmar, as considerações que o seu artigo me sugeriu.

Lisboa

Etelvina Lopes de Almeida

[cont. p.3]

ordem doméstica que a deprimiam e amesquinavam.

Concordo em que será uma minoria a proceder de tal modo. Mas do lado masculino as excepções ainda são mais raras. É preciso que a mulher se liberte mas que o homem saiba compreender tal liberdade.

É preciso que a mulher fuja a caducos preconceitos mas que o homem saiba condicionar a sua acção dentro dos novos moldes da vida.

É preciso que ela seja amiga e camarada mas que êle a respeite e cesse o ataque que presentemente lhe faz.

É preciso soprar os castelos de cartas que literaturas recentes ergueram no cérebro das raparigas, é certo. Mas ouça V. uma conversa de rapazes desprevenidos e constate a inutilidade do assunto. Desde uma falsa interpretação do desporto, de que só lhes interessam os nomes vencedores, até à maneira de olhar uma mulher despindo-a, tudo é fútil e ôco e desolador.

Eis, Sr. André Valmar, as considerações que o seu artigo me sugeriu.

Lisboa

Etelvina Lopes de Almeida